



Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referências bibliográficas indicam-se as datas em que foram publicadas.

426. CENTENÁRIO DE UM GRANDE VIAJANTE

Dentre os grandes viajantes estrangeiros que andaram pelo nosso país no século passado e sobre ele escreveram, um dos mais importantes, pelo valor de sua obra, é “Sir” Richard Francis Burton. Nascido aos 19 de março de 1821, teve vida plena de aventura. Fascinado pelo Oriente, andou pela Índia, Arábia e Pérsia, estudando-lhes a língua e a cultura; serviu nos Dardanelos, por ocasião da Guerra da Criméia; viajou pela África à procura das nascentes do Nilo, o que lhe propiciou descobrir o grande Lago Tanganica; atribui-se-lhe (embora haja dúvidas) a primeira ascensão ao kilimanjaro, o ponto culminante do continente africano; esteve no Paraguai, por ocasião da guerra com nosso país.

Cansado de tantas andanças, decidiu-se a abraçar a carreira diplomática, servindo em Fernando Pó, em Santos, em Damasco e finalmente em Trieste, onde permaneceu até o fim de sua vida, aí falecendo. Versado em línguas, chegou a dominar tão bem o árabe a ponto de traduzir para o inglês o maior monumento da literatura árabe, qual seja a série dos contos das “Mil e uma noites”. E quanto ao português, conheceu-o tão bem que chegou a traduzir para o inglês nada menos que... os “Lusíadas”!

A função consular que exerceu em Santos de 1865 a 1868 propiciou-lhe empreender a longa viagem ao vale do São Francisco, da

qual resultou o grande livro “Explorations of the Highlands of Brazil”, em dois volumes, publicados em Londres em 1869. Aliás, a produção literária de Burton é enorme, pois de todas as suas viagens resultaram livros, além do que escreveu como ficção.

Seu livro sobre o Brasil mereceu duas traduções: a de Américo Jacobina Lacombe, publicada na coleção “Brasiliana”, da Companhia Editora Nacional, em três volumes, com o título “Viagens aos Planaltos do Brasil”; e a de David Jardim Filho, publicada pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte (em convênio com a Universidade de São Paulo), integrando a coleção “Reconquista do Brasil”. Esta última atendeu ao plano da edição original inglesa, em dois volumes, porém o tradutor deu aos volumes títulos diferentes: “Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho”, o primeiro, e “Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico”, o segundo.

Com a tradução de Lacombe aconteceu algo inusitado e inexplicável. O primeiro volume foi publicado em 1941 e os outros volumes só apareceram mais de quarenta anos depois. Nesse lapso enorme deu tempo de aparecer a edição completa da Itatiaia. Mais ainda: quando surgiram o segundo e o terceiro volume da edição Lacombe, já o primeiro encontrava-se esgotado. Não houve senão que reeditá-lo juntamente com os outros. Assim, desse primeiro volume há duas edições, a de 1941 e a de 1983...

427. WANDERLEY PINHO

José Wanderley de Araújo Pinho, literariamente conhecido apenas por Wanderley Pinho, que é como assinava seus trabalhos, foi uma das mais expressivas figuras da historiografia brasileira, notadamente no que se refere à Bahia, seu estado natal. Nascido em 1890, descendente de tradicionais famílias, era neto, pelo lado materno, de João Maurício Wanderley, Barão de Cotegipe, uma das maiores figuras da monarquia. Bacharel em Direito, advogou na Bahia e no Rio de Janeiro, tornando-se posteriormente ministro do Tribunal de Contas da Bahia, cargo em que se aposentou. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cuja

vice-presidência ocupou por muitos anos. Como político, foi deputado federal em várias legislaturas e prefeito da capital baiana. Faleceu no Rio de Janeiro em 1967.

Seus primeiros trabalhos de investigação histórica datam de 1930: “Política e políticos do Império” e “A Sabinada”. Em 1933, num dos primeiros volumes da preciosa e conceituada coleção “Brasíliana”, reuniu as cartas de D. Pedro II ao Barão de Cotegipe, prefaciando-as e anotando-as. A esta mesma coleção pertence também um dos seus mais importantes trabalhos: “Cotegipe e seu tempo”, publicado em 1937. Biografando seu antepassado, não fez simples biografia mas excelente estudo da época em que viveu Cotegipe. Pena não houvesse completado a obra. O livro cuida de Cotegipe até 1867. Ora, desta data e até as vésperas da proclamação da República, que foi quando faleceu, é que se situa a mais destacada atuação do estadista baiano no cenário político nacional. É desta fase, por exemplo, sua atuação como plenipotenciário no Prata e como presidente do Conselho de Ministros, cargo em que teve de enfrentar dois dos mais graves problemas da Monarquia: o Abolicionismo e a Questão Militar. Mas, mesmo incompleta, “Cotegipe e seu tempo” é obra indispensável para o estudo do Segundo Reinado.

De 1942 data sua obra, sob certos aspectos a mais importante: “Salões e Damas do Segundo Reinado”, de grande interesse para a história social e, a bem dizer, livro único em nossa bibliografia histórica. De 1946 é a “História de um Engenho do Recôncavo”, obra resultante de um concurso promovido pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Trata-se de exaustiva monografia sobre um dos mais importantes engenhos baianos, alicerçada em sólida e variada documentação, especialmente de arquivos de família.

Oliveira Viana, que integrou a comissão julgadora em que a obra foi premiada, exarou sobre ela o seguinte parecer: “Não conheço em nossas literatura histórica nada que se compare a este trabalho pela densidade da documentação e pela vivacidade da exposição e do comentário. É um mergulho dos mais fundos até hoje realizados nas fontes de nossa história local e regional”. Desta obra, publicou-se em 1982 uma reedição, abundantemente anotada, integrando a já citada coleção “Brasíliana”.

Haveria muito mais que dizer da obra do historiador baiano. Creio, porém, que o relatado é suficiente para mostrar o caráter e o sentido de sua produção”.

428. RELATÓRIO CONFIDENCIAL

Ao ser novamente eleito para a presidência da República, em 1918, encontrava-se o Conselheiro Rodrigues Alves um tanto afastado das lides públicas, pela saúde bastante agravada nos últimos anos. Tanto, que nem chegou a assumir o governo, pois faleceu em janeiro daquele mesmo ano. Pôs-se o conselheiro a procurar alguém que pudesse auxiliá-lo na perscrutação das necessidades do país, a fim de que seu governo pudesse apoiar-se em dados firmes e positivos e assim realizar de 1918 a 1922 - prouvesse a Deus - governo tão eficiente como o do quadriênio de 1902 a 1906.

Difícil encontrar alguém nessas condições, em momento tão delicado para o país, com perspectivas imensas a abrirem-se para o futuro e ao mesmo tempo com nuvens tão carregadas em vista das conseqüências que a guerra ocasionara, fazendo prever aquilo que, trinta anos mais tarde se repetiria, isto é, que ganhar a paz é muito mais difícil do que ganhar a guerra.

O homem capaz de manifestar-se sobre a situação do país, tão sensata e criteriosamente como o momento o exigia, encontrou Rodrigues Alves em Pandiá Catógeras. O relato confidencial que Calógeras apresentou ao Conselheiro sobre a situação orçamentária e administrativa do Brasil veio a constituir um dos grandes trabalhos existentes sobre o nosso país. Dado seu caráter confidencial, permaneceu inédito por muitos anos, vindo, afinal, a ser publicado em 1933 com o título “Problemas de Administração”, na preciosa coleção “Brasíliana” (volume 24) da Companhia Editora Nacional, de São Paulo.

Depois de analisar a situação do país e sugerir meios para resolvê-la, concluía afirmando o que era necessário para conseguir as soluções que preconizava. E o quadro que debuxou calhava-se

perfeitamente à personalidade do velho Conselheiro. Ao chefe da nação devia-se pedir total abnegação e patriotismo sem mescla, mas, acima de tudo, “trabalho e ação em vez de palavreado sonoro e vazio e de cortejo à popularidade”. Persuadido de que se estava atravessando um dos períodos mais difíceis para todo o mundo, julgava que havia cessado “a fase da declamação para surgir o pleno domínio da ação e da energia”.

Verdade ou lenda, dizia-se que Rodrigues Alves pretendia oferecer a Calógeras o ministério da área em que ele se revelasse mais capacitado. E não houve o que escolher, pois Calógeras demonstrara total conhecimento da situação brasileira, em todos os setores. Isto acabou não tendo nenhuma importância, pois, como já se disse, Rodrigues Alves não chegou a assumir o governo. E Pandiá Calógeras, que já havia sido ministro da Fazenda e da Agricultura no quadriênio anterior (de Wenceslau Brás), seria dentro em pouco ministro da Guerra no período presidencial de Epitácio Pessoa, único civil até hoje a exercer tal cargo em nossa centenária República.

A verdade é que o “relatório confidencial” de Calógeras aí está para quem quiser consultá-lo. E não fará mal a ninguém relê-lo depois de mais de setenta anos. É pena que, não tendo sido reeditado, encontre-se hoje na categoria das obras raras.

429. DO ROMANCE À ÓPERA

Já tem mais de cem anos a edição que possuo da tradução portuguesa de “Linda de Chamounix”, o “grande romance” (como se lê na página de rosto) de D’Ennery, traduzido por A.M. Cunha e publicado em Lisboa em 1889. Nunca tive oportunidade de ver – já nem digo ler – a obra original “A la grâce de Dieu”, aparecida em 1841.

Bastante renomado em seu tempo, Adolphe Philippe (verdadeiro nome do autor) publicou numerosos livros, todos com o pseudônimo de Dennery (a partir de um certo momento preferiu alterar a grafia para D’Ennery), mas caiu no esquecimento a ponto de mal figurar (ou nem figurar) nas histórias da literatura ou nas enciclopédias. E se sua obra

ainda é lembrada é mais pela ópera que Donizetti compôs sobre libreto extraído de um de seus livros, precisamente o que constitui objeto desta nota.

Como título, “Linda de Chamounix” apareceu pela primeira vez no referido libreto, de autoria de Caetano Rossi, para a ópera que teve sua “première” em Viena, em 19 de maio de 1842, e foi, pode-se dizer, o primeiro grande sucesso do compositor bergamasco. O libreto, obviamente, não poderia comportar todo o romance. Para ele, foram escolhidas as cenas consideradas mais expressivas. Aqui, a primeira dificuldade. Poder-se-á dizer que “A la gloire de Dieu” é um vasto painel, comportando vários romances paralelos, modalidade muito em voga na ocasião, mas que praticamente desapareceu por muito tempo, e está voltando em alguns romances modernos. Fica difícil ao leitor meio desatento acompanhar corretamente a trama sem se perder.

Não sei até que ponto “Linda de Chamounix” interessará a um leitor de hoje. No entanto, há nele cenas magistrais: as descrições das nevascas, a peregrinação anual dos jovens saboianos a Paris a fim de ganhar algum dinheiro para minorar a situação de penúria em que viviam em suas aldeias, a criminosa exploração das crianças em Paris por agenciadores inescrupulosos (e Garrigou é bem o exemplo dessa canalhice...), o cerco impiedoso à pobre Maria (a “Linda”) e o esforço desta para desvencilhar-se de seus importunos assediadores, o ambiente cortezão de algumas casas da nobreza francesa, toda a trajetória romântica de André/Arthur, as manifestações folclóricas dos saboianos, os julgamentos dos tribunais, a loucura de Maria/Linda, o retorno à aldeia, a “redenção pelo amor” (quase um tema wagneriano...) e finalmente as cenas da Revolução Francesa com a fuga dos protagonistas do longo drama para a aldeia de Chamounix. É neste final, que aparece pela primeira vez o nome de Maria associado à aldeia. “Linda” já era o seu apelido, residindo agora em Chamounix, ela se torna a “Linda de Chamounix”.

E as cenas paralelas nos levam a um duelo à beira dum lago, à fuga marítima de um dos protagonistas do porto de Toulon, em embarcação que pretendia salvar náufragos franceses nos Calápagos, mas que... fica

pelo Chile, onde combate com os araucanos. É cinematográfico demais para um romance ou, melhor, um “vaudeville” do século XIX.

Talvez seja a linda ópera de Donizetti (“linda” em todos os sentidos) o primeiro caso de um melodrama composto e encenado quase “em cima” do romance que a inspirou. Logo no ano seguinte ao do aparecimento do livro. O interesse despertado pelo romance certamente terá justificado a composição de uma ópera, que alcançou enorme êxito e cujo papel-título tornou-se “piècede resistance” das maiores sopranos do mundo. Sem querer fazer trocadilho, poder-se-á dizer que com os nomes de suas intérpretes nesses quase duzentos anos que nos separam da estréia, se formará um riquíssimo album de “Lindas” maravilhosas.

